

SEÇÃO DE LIVROS

TERRORE NO CAMBÓJA

Condensado do livro a sair de JOHN BARRON e ANTHONY PAUL



Terror no Camboja

A história que se segue é uma das mais extraordinárias e mais emocionantes que já apareceram nas páginas de *Seleções*. É um relato da monstruosa e sombria época que se abateu sobre o Camboja. Desde que os comunistas se apoderaram do país, em abril de 1975, um terror impiedoso despovoou as cidades e transformou aldeias, campos e matos em imensos depósitos de mortos. Porém, não se levanta nenhum protesto. O mundo quase nada sabe do que ali se passou. Neste livro, pela primeira vez, é revelada a impressionante verdade sobre o novo holocausto.



A publicação desta história, contada tal como os cambojanos a presenciaram, constitui um feito jornalístico. Para mais detalhes, ler «Nas entrelinhas», na página 107.

*Condensado do livro a ser publicado, de
JOHN BARRON E ANTHONY PAUL*

Pesquisadoras: KATHARINE CLARK E URSULA NACCACHE

A PAZ chegou para o Camboja na manhã de 17 de abril de 1975. Ao fim de cinco anos de guerra civil, o governo do General Lon Nol caiu, o exército desintegrou-se e os últimos di-

plomatas norte-americanos fugiram do país. Phnom Penh, a capital sitiada, e seus três milhões de pessoas viram-se prostrados e indefesos perante as forças comunistas que os cercavam.

Os primeiros esquadrões comunistas, de 10 a 12 soldados, em uniformes pretos em feitiço de pijamas, foram vistos infiltrando-se na capital por volta das sete da manhã. Grupos de pessoas, ao longo das ruas, receberam-nos com palmas e aclamações. As crianças atiraram-se por entre os soldados, gritando: «Acabou a guerra!» Os adultos exultavam: «Paz! Paz!» As mulheres atiravam grinaldas de flores amarelas de alamanda, enquanto pares dançavam e cantavam nas ruas.

Em suas manifestações de júbilo, o povo não estava necessariamente celebrando a vitória do comunismo. O duro regime que os revoltosos haviam imposto nos territórios conquistados afastara os camponeses e cada vez mais famílias tinham fugido para as cidades. No princípio da guerra, em 1970, apenas 13% dos sete milhões de habitantes do país viviam em áreas urbanas. Até a primavera de 1975, a taxa subiu para 50%.

O governo de Lon Nol também não tinha aceitação geral; era notoriamente incompetente e corrupto. A guerra fratricida havia provavelmente causado 600 mil mortes

— a maior parte civis. Antes de 1970, os agricultores cambojanos produziam todos os anos vastos excedentes de arroz; a madeira, o gado e as aves domésticas eram também abundantes. Porém a guerra havia desorganizado completamente a economia do país, devastado os campos de cultura.

É claro que os comunistas podiam punir, podiam talvez mesmo matar os líderes do governo de Lon Nol, mas certamente seriam razoáveis e justos para com o resto da população. No fim de contas, eram todos *khmers* e adeptos do budismo, que prega a tolerância, o respeito e a bondade de uns para com os outros. *

«Nessa manhã, gritávamos 'Vitória! Vitória!'» relembra Ung Sok Choeu, estudante de economia de 23 anos. «Não que gostássemos muito dos *khmers* vermelhos, mas o fato de Lon Nol ir-se embora valia bem uma explosão de júbilo. Que sentido tinha, pois, *khmers* matando-se uns aos outros?»

No entanto, surgiram desde logo sinais alarmantes. Na verdade, embora as autoridades dos *khmers* vermelhos pusessem termo à pilhagem por parte dos civis e dos soldados governamentais, avisando que os infratores seriam sumariamente fuzilados ou enfor-

JOHN BARRON é redator do *Reader's Digest* e autor de *KGB: The Secret Work of Soviet Agents*. ANTHONY PAUL, australiano, é redator itinerante e também da edição asiática do *Reader's Digest*. A coleta de dados para este livro esteve a cargo de Katharine Clark, pesquisadora da sede do *Reader's Digest* em Washington, e Ursula Naccache, redatora assistente do Bureau Europeu do *Reader's Digest* em Paris.

* O Império Khmer, que data dos princípios do século IX da era cristã, em certa época incluiu parte do moderno Camboja, do Laos, da Tailândia e do Vietnã. Os comunistas no Camboja eram conhecidos por *khmers rouges* (*khmers* vermelhos).

cados, nada fizeram para impedir a pilhagem em larga escala pelas suas próprias tropas. Em breve, os soldados comunistas levaram o pânico aos bairros comerciais, abrindo a tiros as lojas trancadas ou arrancando as portas com cabos presos a jipes. Às 8:30 da manhã, as tropas comunistas faziam parar o tráfego e confiscavam carros, motocicletas e bicicletas. Durante esses roubos, os soldados invocavam normalmente a estranha expressão *Angka Loeu*, frase que pode ser traduzida como Organização do Alto. Com uma cortesia que parecia destinada a fazer esquecer os fuzis ou pistolas apontadas, eles diziam: «A Angka Loeu propõe que me emprestes a tua motocicleta... A Angka Loeu propõe que me leves no teu carro...»

A maior parte dos habitantes de Phnom Penh pouco tinha ouvido falar da Angka Loeu, e seu significado de misteriosa impessoalidade era formado pelo terror e pela total obediência que ela despertava entre as tropas comunistas.

Logo começaram as execuções, que um estudante secundário de 18 anos, Sar Sam, viu principiar. «Às 8:45 dessa manhã, um khmer vermelho matou o Sr. Kim, nosso vizinho. O Sr. Kim devia ter uns 42 anos. Entrara para o exército em 1971, como soldado, e só tinha uma perna.»

Quase à mesma hora, 10 a 20 funcionários públicos e soldados saíam de um edifício governamen-

tal. Aguardavam-nos soldados comunistas, que os ceifaram a tiros de metralhadora sem qualquer aviso ou explicação. Mais tarde, em frente ao Ministério da Informação, soldados comunistas rodearam um homem que, por alguma palavra ou gesto, os tinha ofendido e deram-lhe pontapés e facadas. A multidão assistiu à sua morte lenta.

Apesar disso, através dos séculos, outros exércitos em outros lugares haviam feito sem dúvida o mesmo que os comunistas nas duas primeiras horas de Phnom Penh. Podia ser que as execuções e pilhagens iniciais representassem não a política da Angka Loeu, mas as aberrações de soldados agindo por conta própria.

No entanto, não pode haver justificação para aquilo que se iniciou entre as nove e as dez da manhã — era clara e friamente premeditado pela «Organização do Alto», e a história não mostra algo do gênero em outros lugares antes disso.

Caravana de miséria

PELAS nove da manhã, em sua clínica particular, defronte do hospital militar, o Dr. Vann Hay tratava um coronel ferido nas últimas horas do bombardeio. «Eu estava ainda na sala de operações, quando me vieram dizer que os soldados do khmer vermelho se encontravam à porta da clínica e mandavam sair todos imediatamente. Fui



Numa cena repleta de cínica ironia, tropas comunistas são efusivamente recebidas pela população de Phnom Penh a 7 de abril de 1975, mas uma nova «paz» estava para chegar

falar com eles. Eram uns 20, todos muito jovens, e repetiram a ordem.

«'Estas pessoas estão doentes', expliquei-lhes. 'Não se podem levantar e sair.'»

«'Não há exceções', disse o khmer. 'A cidade tem de ficar vazia. Todo mundo para a rua!'''»

Abrindo fogo para o ar, dando instruções através de alto-falantes, batendo às portas com violência, umas vezes gritando com raiva, outras falando com melíflua cortesia, os soldados, em nome da Angka Loeu, repetiam agora a mesma ordem insistente por toda Phnom Penh, cidade de três milhões de habitantes; homens, mulheres e crianças, fosse qual fosse

sua profissão, idade ou estado, todos eram obrigados a abandonar a cidade.

Aqueles que perguntavam por quê, apresentavam os soldados comunistas diferentes explicações: «Os norte-americanos vão bombardear... É uma ordem da Angka.» A resposta que os acontecimentos comprovaram ser mais consistente foi dada a um grupo de padres católicos estrangeiros por um comissário da Angka: «Daqui em diante, se as pessoas quiserem comer, têm de sair daqui e ir trabalhar nos arrozais. As cidades são o próprio mal; nelas há dinheiro e comércio, e ambos têm influência corruptora. É por isso que temos de acabar com elas.»

Com terrível eficiência, os comunistas, de início, concentraram seus esforços em expulsar os doentes e feridos dos hospitais, abarrotados de vítimas recentes. Os soldados tomaram de assalto o hospital Preah Ket Melea, o maior e mais antigo de Phnom Penh, e gritaram aos doentes, médicos e enfermeiras: «Rua! Todo mundo, rua!» Não fizeram a mínima distinção entre doentes acamados e os que podiam andar, entre convalescentes e os que já estavam em agonia.

Centenas de homens, mulheres e crianças, de pijama, tiveram de sair, coxeando, cambaleando, debatendo-se com dores, para a rua, onde o sol do meio-dia havia feito subir a temperatura a bem mais de 38 graus centígrados. Parentes ou amigos arrastavam as camas dos doentes debilitados demais para andarem. Alguns seguravam no ar frascos dos quais corria, gota a gota, o plasma para o corpo de um ente querido. Um homem levava o filho cujas pernas tinham acabado de ser amputadas. As ataduras em ambos os cotos estavam vermelhas de sangue, e o filho, que parecia ter cerca de 22 anos, gritava: «Não podem me levar assim! Matem-me! Matem-me, por favor!»

Cortejos desses foram vistos por milhares e milhares de cambojanos. Um observador experimentado, que, da embaixada francesa, os seguia com a vista, foi Jon Swain, jovem jornalista britânico.

Registrando as cenas em seu diário, escreveu que os comunistas estavam «atirando os doentes para a rua como quem atira lixo. Homens e mulheres, envoltos em ataduras, arrastam-se com dificuldade junto da embaixada. Mulheres de soldados feridos empurram os maridos em camas hospitalares de rodas. Em cinco anos de guerra, esta é a maior caravana de miséria humana que já vi. Os khmers vermelhos devem saber que poucos dos 20 mil feridos da cidade irão sobreviver. Perante isso, só podemos concluir que não têm quaisquer sentimentos humanitários».

A partir do meio-dia, multiplicaram-se na rua as multidões, à medida que as tropas comunistas iam desalojando outras famílias. No engarrafamento cada vez mais denso, ao longo de algumas avenidas, as famílias mal podiam avançar 200 metros por hora. Ficou impossível andar de carro. As pessoas empurravam automóveis, motocicletas, bicicletas e grande variedade de carroças carregadas de tudo quanto haviam podido reunir às pressas: arroz, conservas, panelas, caçarolas, roupas, cobertores. As pessoas que não tinham veículos transportavam trouxas dos seus haveres ou cargas humanas — crianças amedrontadas, parentes idosos ou doentes, que se apresentavam demasiado fracos para poderem andar.

Nessa mesma tarde, os comunistas começaram a limpar a capi-

tal de tudo quanto era impresso: manuscritos raros e antigos dos templos e museus; documentos do Estado e papéis de negócios; acervos de bibliotecas; dicionários; manuais de medicina. Tudo foi visado, inclusive as próprias carteiras de identidade.

Dezenas de milhares, talvez centenas de milhares, de livros foram lançados no rio Mekong ou queimados em suas margens. Inúmeros outros foram incinerados numa lixeira da cidade, e as bibliotecas de Phnom Penh e das universidades budistas foram incendiadas.

«Foi um pesadelo»

Os SOLDADOS vieram no meio da tarde procurar Ang Sok e sua família. Ang era uma linda moça de 22 anos, com um sorriso franco, natural. Embora os pais fossem pobres fazendeiros em Siem Reap, uma cidade de província, tinham, apesar disso, conseguido dar a todos os filhos uma boa instrução, e Ang estava agora no terceiro ano de farmácia na Universidade de Phnom Penh. Como a maioria dos jovens, havia aclamado as tropas comunistas ao entrarem na cidade, mas quando estas começaram a matar e a saquear, Ang fugiu para uma casa que pertencia a um primo, onde três famílias, compreendendo 31 pessoas, todas parentes entre si, se tinham refugiado. Entre elas, contavam-se Anna, de 19 anos, e seus dois irmãos, Tam, de 25 anos, e Kim, de 23.

Ao grupo de soldados que os mandou sair da cidade, Ang perguntou para onde deviam ir. «Para o mais longe possível.» Quanto tempo deviam estar ausentes? «Durante algum tempo.»

As três famílias partiram às cinco da tarde. «Levamos dinheiro, mas os khmers vermelhos fizeram-nos pô-lo fora», recorda Ang. «Pegamos alguns cobertores, mosquiteiros e biscoitos para as crianças.

«Na estrada, havia uma enorme multidão de pessoas de todas as idades e categorias – jovens, velhos e doentes. Algumas mal podiam andar, outras amparavam-se mutuamente. Lembro-me de uma cama-beliche sendo empurrada por uma família.»

Os caudais humanos de infelizes, transidos de medo e desorientados, saindo da cidade, engrossaram constantemente pela tarde afora e, nessa noite, centenas de milhares de pessoas dormiram pelas ruas e estradas. No dia imediato, em nome da Angka, grupos de quatro e seis soldados foram sistematicamente de porta em porta repetindo a ordem inicial. A meio da manhã, formigavam nas ruas mais umas centenas de milhares de pessoas.

Em breve se espalhou uma nova certeza: cada soldado-agente da Angka Locu trazia a morte nas pontas dos dedos. Perante a alternativa entre partir ou ser abatido, Dost Mohammed, vendedor de artigos eletrônicos, partiu no dia

18 com sua mulher, seis filhos e a mãe. Ainda circulava algum tráfego; viram um jinriquixá passar por eles. «Não vá por esse lado da estrada!» gritou um soldado. O veículo não se desviou, e o soldado abateu o condutor com uma rajada de metralhadora.

Um soldado picotou de balas o motorista de um Datsun, que não ouviu uma ordem para parar. Correndo para encontrar a família, antes de sair da cidade, outro homem pedalava numa rua que os comunistas haviam fechado ao trânsito. «Vou buscar minha família», gritou ele aos guardas. Sem aviso, um soldado o matou, crivando-o de balas de metralhadora.

Perto da embaixada francesa, um professor francês observava uma patrulha comunista marchando, vinda de uma ruela, através de uma fila de refugiados. Aconteceu que a patrulha separou dos filhos a mãe e o pai. Estes, aflitos, protestaram e procuraram trazer para junto de si os filhos, que tinham ficado do outro lado da coluna comunista. Os chefes da patrulha abriram fogo e mataram mãe e pai.

Nem toda a gente assistiu pessoalmente a execuções sumárias como estas, mas praticamente todos viram as conseqüências delas, sob a forma de cadáveres inchando rapidamente e apodrecendo ao sol. Os corpos, por vezes grotescamente contorcidos na posição da agonia final, espalhavam um cheiro nauseabundo.

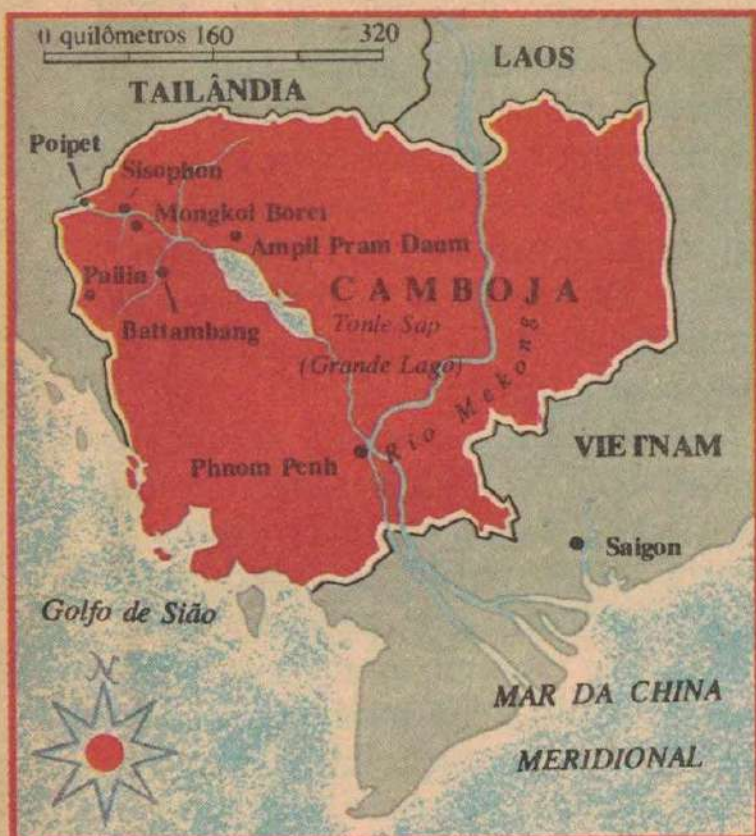
O abastecimento de água parou em toda a cidade. Os habitantes foram obrigados a beber de pequenos lagos nos parques e jardins, mesmo de poças estagnadas. Isso provocou disenteria, que iria cair sobre a população tão duramente quanto a Angka no decorrer do grande êxodo. Eram também freqüentes as mortes de parto.

Ly Bu Heng, um dos principais arquitetos de Phnom Penh, interrompera sua estada em Paris e regressara de avião, para dar as boas-vindas aos comunistas. Ele conta: «No boulevard Monivong, vi duas mulheres terem os filhos no meio do acampamento de uma multidão de refugiados. Uma delas encontrava-se na calçada, debaixo de um tamarineiro, talvez a 15 metros de minha casa, deitada em cima de uma peça de roupa, gritando: 'Socorro! Socorro!' Era triste de ver.»

Lu foi a sua casa, onde estava acantonado um contingente de khmers vermelhos. «'Tenho três quartos junto da garagem', disse eu. 'Deixem-me utilizar um deles para que esta mulher possa ter a criança em condições decentes.'

«Eles enfureceram-se. 'Vá-se embora. Não nos aborreça!'

«Voltei para junto da mulher. Bandos de crianças curiosas procuravam dar uma olhada. Mande-as embora. Ouvindo essa algazarra, o líder dos khmers vermelhos saiu e bradou: 'São proibidos ajuntamentos! Dispersem! Disper-



sem!’ Com tanto ruído, ninguém conseguia ouvir o que ele dizia. Então, o militar sacou de uma pistola e começou a atirar para a tamarineiro. Uma chuva de folhas caiu sobre a mulher e o recém-nascido. Era um pesadelo.»

Uma cidade sem vida

AS AVENIDAS que levavam às principais saídas de Phnom Penh estavam tão superlotadas que Thach Bun Rath, um jovem de 18 anos, aluno da escola comercial, levou três dias a fazer quatro quilômetros. «Era intenso o calor, e as pessoas morriam nas ruas. Vi corpos de muitas pessoas idosas à beira do caminho, e outras agonizando. Uma mulher bastante jovem levava nos braços uma

criança morta; chorava em silêncio; não queria deixar o pequenino corpo na rua. Alguns dos mortos eram gente que tinha sido abatida – não apenas militares, mas também mulheres e crianças.»

Ea Than, bibliotecário de 27 anos, saiu de casa no dia 18 num grupo da família, umas 12 pessoas. «Toda Phnom Penh parecia estar caminhando para o Sul. Íamos apertados como sardinhas e foram necessários três dias e três noites para fazermos os três quilômetros entre nossa casa e a ponte sobre o Monivong. Por todo o caminho, os khmers vermelhos atiravam para o ar e para as casas. ‘Vamos! Andem!’ gritavam eles.»

Devido à confusão, Rosa Tevi, a bonita sobrinha, de 14 anos de idade, de Ly Bun Heng, arquiteto de Phnom Penh, só atingiu os arredores da cidade no dia 24 de abril. Ela relembra: «Precisamente quando saíamos de Phnom Penh, passamos por uma dezena ou mais de corpos. Estavam à beira da estrada, já inchados e com as roupas apodrecendo. Tenho certeza de que haviam sido abatidos, pois estavam todos contorcidos. Em tempos normais, eu teria chorado, mas agora as lágrimas não vinham. Mesmo mamãe, que chora pelas coisas mais insignificantes, não conseguia soluçar e não se cansava de murmurar: ‘Pobre gente! Pobre gente!’»

Phnom Penh era agora uma cidade abandonada, povoada apenas por cadáveres, cães vadios, porcos,

patos e galinhas, e pelas patrulhas da Angka, montando guarda para impedirem o regresso da vida. A 23 de abril, os comunistas já tinham começado a esvaziar as outras principais cidades do Camboja. Como as populações eram muito menores, as tropas puderam desalojar completamente cada cidade do interior em menos de 24 horas, mas as cenas e os horrores de Phnom Penh repetiram-se em escala mais reduzida.

Os três milhões e meio de pessoas arrancadas das cidades lá foram pelas estradas principais e secundárias, vagueando para um futuro desconhecido. Essas pessoas haviam sido transformadas numa massa de prisioneiros espiritualmente paralisados, que apenas percebiam que, se não continuassem a caminhada, seriam rapidamente «reeducados» pelo seu novo senhor, a Angka Loeu.

Um jovem professor de filosofia, Phal Oudam, foi um dos que saudaram os soldados da Angka Loeu como precursores da paz. «Agora, só de vê-los passar, sentíamos-nos aterrorizados. Tremíamos como ratinhos que estivessem se afogando.»

A Organização do Alto

TENDO esvaziado e depredado as cidades, a Angka Loeu proclamou o nascimento do novo Camboja Democrático e declarou com orgulho: «Terminaram virtualmente mais de dois mil anos de

história do Camboja.» É difícil contradizer essa afirmação. Em poucos dias, a Organização do Alto tinha avançado com mais rapidez e havia ido mais longe do que quaisquer outros revolucionários dos tempos modernos, no sentido de fazer desaparecer uma sociedade inteira.

Provavelmente eram menos de duas dezenas os que controlavam a Angka Loeu naquela época e, entre eles, predominavam nove homens com um passado sensivelmente semelhante. Todos tinham de 40 a 50 anos; haviam estudado na França na década de 1950 e abraçado com ardor o comunismo. Eram economistas, advogados ou professores e, no contexto de seus valores e crenças, eram aparentemente homens de princípios, honestos e corajosos.

Um dos principais líderes e teóricos da Angka Loeu era Khieu Samphan, atualmente chefe de Estado do Camboja Democrático. Sua vida e sua personalidade ajudam talvez a explicar algumas posições e feitos da Angka Loeu que parecem mais inexplicáveis. Khieu nasceu a 27 de julho de 1931. Era uma criança pequena e frágil, sofrendo de uma enfermidade respiratória que lhe provocava coriza constante. Por vezes, adoecia gravemente. Um colega que estudou com ele, tanto no Camboja como na França, recorda: «Khieu era um estudante medíocre e calado, cujas características mais acentuadas eram a passividade e uma total

falta de agressividade. Era o saco de pancadas da classe. Podíamos dar-lhe pontapés, murros, encontros, que ele nem uma só vez revidava. Não esboçava a mínima defesa, nem mesmo por palavras.»

Nunca se interessou por moças, e diz-se que confidenciou a um amigo que era impotente. Em Paris deve ter consultado médicos sobre esse problema, pois revelou que o mal era permanente e incurável. A impotência passageira pode ser consequência de qualquer de várias causas sociais, mas a impotência que não é baseada em fatores orgânicos é considerada por muitos psiquiatras como resultado de profunda hostilidade. Com certeza, Khieu Samphan, o jovem tímido e atormentado, tinha motivo para ser hostil. Em qualquer caso, talvez como compensação para o vazio de sua vida, Khieu enterrou-se furiosamente, primeiro, em seus livros e, depois, no comunismo.

De regresso ao Camboja, embora sem tostão, Khieu obteve dinheiro suficiente para fundar um pequeno jornal quinzenal que publicava propaganda comunista.

Em 1962, o príncipe Norodom Sihanouk, que andava cortejando os comunistas, convidou 34 conhecidos radicais a participarem do governo; entre eles, encontrava-se Khieu Samphan, que tinha sido eleito para a Assembleia Nacional. Contudo, em 1967, num acesso de fúria contra os comunistas, acusou publicamente Khieu e

dois outros deputados esquerdistas de subversivos. Para evitar a execução, os três fugiram e foram juntar-se aos guerrilheiros comunistas na selva.

Nessa época, os insurretos não excediam provavelmente dois mil homens — uma estranha e desconexa variedade de intelectuais vindos da cidade, bandidos e minorias étnicas descontentes. Eles podiam ter-se arrastado indefinidamente na selva, se não fosse uma série de acontecimentos fortuitos.

Em segredo, Sihanouk estava deixando que os norte-vietnamitas e os viet-congs transportassem grandes quantidades de material através do Camboja para o Vietnã do Sul, permitindo-lhes estabelecer refúgios. No entanto, o entendimento secreto com os vietnamitas, contra os quais os cambojanos nutrem uma animosidade antiga, quase um ódio, trazia problemas internos. Quando o príncipe estava em visita à França, em 11 de março de 1970, milhares de estudantes e trabalhadores saquearam as embaixadas do Vietnã do Norte e do Viet-Cong em Phnom Penh, e, a 18 de março, o Parlamento aprovou, por 92 votos a zero, uma lei depondo Sihanouk. O general Lon Nol continuou no poder como chefe de Estado; o príncipe, que tinha ido a Moscou, voou imediatamente para Pequim e, cinco dias após haver sido deposto, associou-se aos comunistas, numa coligação para combater o governo de Lon Nol.



Os «camaradas» Khieu Samphan, atual chefe de Estado do Camboja, e o Príncipe Sihanouk num encontro de 1973

Assim, os revoltosos cambojanos realizaram de um dia para o outro um objetivo clássico dos comunistas de qualquer lugar: uma coligação que os cobria com um manto de respeitabilidade e punha à sua disposição os recursos dos outros. Em nome do príncipe, tropas do Vietnã do Norte saíram de suas bases, atacaram as forças de Lon Nol e começaram a ocupar a maior superfície de território que podiam nas províncias do Oeste e Noroeste do Camboja.

Enquanto isso, a 30 de abril, divisões norte-americanas e vietnamitas do Sul invadiram o Camboja, num ataque maciço de sur-

presa às bases comunistas. Esta «incurso limitada» de 60 dias alcançou militarmente seus objetivos. Contudo, serviu para empurrar os vietnamitas do Norte e os viet-congs, na sua retirada, ainda mais para dentro do Camboja, e assim que os invasores se retiraram, deixaram os comunistas no controle efetivo. Os rebeldes, comandados por Khieu Samphan, invadiram essas áreas, protegidos pelos comunistas vietnamitas, que

inicialmente foram os únicos a combater; foram reforçados pela chegada de comunistas cambojanos, talvez uns seis mil, que Hanoi, ao longo dos anos, tinha secretamente treinado e mantido em reserva no Vietnã do Norte.

No início de 1973, este pequeno núcleo de comunistas cambojanos educados na França tinha-se multiplicado para pelo menos 35 mil homens, invocando o nome mágico de Sihanouk para fazer o alistamento compulsório e em massa nas aldeias ocupadas. Ficaram prontos para lançar o assalto final.

Fazendo-se um retrospecto, é evidente que, nessa ocasião, eles

também já haviam traçado as grandes linhas do novo Camboja que se propunham construir. Kenneth M. Quinn, então especialista do departamento de Estado norte-americano, fez em princípios de 1974 uma notável análise de antecipação das atividades comunistas nos territórios ocupados – seus ataques à religião, a destruição dos vestígios do regime de Sihanouk, ataques à autoridade paterna e religiosa, proibição das canções e danças tradicionais e uso do terror.

Quinn apercebeu-se de que os comunistas se tinham engajado na «revolução social total» e haviam decidido que tudo quanto pertencesse ao passado «era anátema e devia ser destruído». Para realizar a revolução total, eles estavam tentando «reconstruir psicologicamente cada um dos membros individuais da sociedade». Ele escreveu: «Esse processo implica desfazerem-se, pelo terror e outros meios, das bases, estruturas e forças tradicionais que moldaram e orientaram a vida do indivíduo, até o tornarem unidade isolada, atomizada, para depois o reconstruírem de harmonia com a doutrina do partido, substituindo uma série de novos valores, organizações e normas de conduta.»

O sistema não foi uma invenção da Angka Loeu. Pode-se encontrar variantes dele nas análises de Aristóteles sobre a tirania, na literatura comunista, na história da União Soviética, da Alemanha na-

zista e de outros estados totalitários. A Angka Loeu, porém, dispôs-se a aplicar o sistema com uma brutalidade inédita.

Uma recepção a Sihanouk

TENDO «limpado» as cidades, a Angka Loeu começou a «purificar» a população, eliminando os elementos «corruptos». Em Battambang, segunda maior cidade do Camboja, mandaram recolher os soldados governamentais aos quartéis, permitiram-lhes que recuperassem seus haveres e fizeram-nos seguir para a escola secundária no centro da cidade. No dia seguinte, estavam ali reunidos mais de mil oficiais, dois mil sargentos e mil soldados. Polidamente, os comunistas pediram-lhes que se separassem segundo as categorias. Depois, distribuíram arroz aos soldados e autorizaram-nos a comprar o que quisessem num mercado próximo. Entre os soldados vencidos cresceu um sentimento de alívio; estavam sendo tratados razoavelmente e os cambojanos não teriam mais de matar outros cambojanos. Na manhã seguinte, surgiu um anúncio espetacular. O Príncipe Sihanouk ia voltar a Phnom Penh! Para receberem o príncipe, os oficiais iriam à capital, celebrarem o acontecimento.

Kom Kiry, major de infantaria, de 52 anos, foi um dos que partiram. Abrindo a marcha, estavam um jipe e um Land Rover com cerca de 20 comunistas armados;

em seguida vinha um ônibus com uns 30 oficiais do exército governamental e 10 guardas; depois, cinco caminhões abertos com mais oficiais; fechando a coluna, um caminhão com cerca de 60 comunistas.

No caminhão de Kom respirava-se um ambiente de festa. Um funcionário comunista fez saber que, após as cerimônias de boas-vindas, todos os oficiais receberiam um certificado que os absolveria de qualquer culpa por terem servido no exército de Lon Nol. Todos os oficiais ficariam então livres para regressar a suas famílias.

Durante cerca de três horas, o comboio seguiu pela estrada nacional 5 em direção a Phnom Penh e depois abruptamente desviou-se e tomou uma estrada secundária que levava à linha férrea. Os oficiais, que vinham contando anedotas e rindo, calaram-se imediatamente. À sua espera, do lado direito da estrada, aproximadamente a 200 metros, havia uma longa fila de cerca de 60 soldados comunistas, armados.

Os veículos pararam e os oficiais foram mandados descer. Kom estudou o terreno. À direita da estrada, os soldados; à esquerda, estendia-se um campo e, a distância, ficava a floresta.

Talvez dez minutos depois de terem ido embora os veículos, um crepitar de metralhadora (cerca de 20 rajadas) veio da estrada nacional. Seria um sinal, pensou Kom.

Um minuto depois, os soldados começaram a disparar sobre os oficiais. Ao primeiro tiro, Kom escapou rastejando e lançou-se em seguida em corrida desesperada.

Durante três horas, os khmers vermelhos dispararam contra as pilhas de oficiais mortos e moribundos. Escondido na floresta, Kom ouvia os sons do tiroteio. Dos 315 oficiais desse comboio, só quatro (Kom e três outros) parecem ter escapado.

Este foi apenas um dos muitos massacres perpetrados no Camboja durante os primeiros dias que se seguiram à capitulação. Na verdade, não obstante suas promessas de reconciliação, os comunistas começaram imediatamente a exterminar todo o corpo de oficiais do governo e toda a hierarquia da administração pública. Os massacres foram cometidos em tão larga escala e com tal semelhança de métodos que não deixavam a mínima dúvida de que a Angka Loeu os tinha planejado muito antes do fim da guerra.

Recusando sepultar as vítimas, os comunistas tornavam bem patentes seus atos. Era como se a Angka Loeu tivesse propositadamente decidido transformar todo o país num imenso campo de extermínio, semeado de cadáveres, para intimidar a população.

Uma terrível calma

Os COMUNISTAS proclamavam freqüentes vezes que tinham eli-

minado do Camboja toda a prostituição, e talvez tivessem razão. A cerca de um quilômetro de Siso-phon, um chofer de caminhões deparou em fins de abril com um exemplo disso. Ele viu os corpos caídos de cerca de 20 mulheres jovens. Todas haviam sido espancadas até a morte com pauladas na nuca. O chofer conhecia algumas delas como prostitutas e concluiu que as outras também o fossem.

Além disso, os comunistas mataram alguns estudantes, professores e outros «intelectuais» sem qualquer razão aparente que não fosse o fato de serem instruídos. Aproximadamente dois mil professores primários foram encarcerados no mosteiro de Wat Ek, a noroeste de Battambang; mais ou menos uns mil outros, num campo a nordeste da cidade. Um chofer, que trabalhara para os comunistas e que desertou, seguindo para a Tailândia, afirmou em maio que viu soldados matando a machadadas 17 professores em Wat Ek.

Nos primeiros meses, a caça aos intelectuais não foi efetuada com tanto rigor como contra os oficiais do exército e outros elementos «impuros», mas foi suficientemente vasta para que as pessoas cultas comessem a esconder sua instrução.

Com ou sem razão, a Angka Loeu identificou muitos habitantes de Phum Kauk Lon como antigos oficiais, funcionários aduaneiros e agentes da polícia. Mais ou menos

a 20 de abril, as tropas desalojaram de suas cabanas toda a população da aldeia e levaram-na para a vizinha floresta de Arak Bak Kar. Enquanto as pessoas caminhavam entre as árvores, esquadrões de metralhadoras emboscados ceifaram todas as famílias, cerca de 360 homens, mulheres e crianças.

UMA NOITE, em maio, apareceu em Khal Kabei, no distrito de Thmar Puok, um grupo de soldados comunistas. «Não saiam de casa esta noite», recomendaram. Um trator passou, rebocando um *trailer* com um grupo de mulheres, entre os 18 e os 25 anos.

Quando amanheceu, os habitantes da aldeia descobriram por que razão queriam os khmers vermelhos a noite só para si. A cerca de 500 metros, num caminho para carroças, a leste de Khal Kabei, num lugar bem visível, estavam os cadáveres das 40 jovens. «Tinham sido sepultadas, com os corpos enterrados até o pescoço. Apenas se viam as cabeças.» Todas haviam sido esfaqueadas na garganta.

Durante mais de uma semana, à medida que as cabeças iam inchando com a putrefação e o odor de morte se espalhava pela aldeia, os khmers vermelhos recusaram deixar que Khal Kabei fizesse enterros condignos. *Kael American Kael Lon Nol* (Casma dos norte-americanos e de Lon Nol) foi como os soldados denominaram esses cadáveres. Pela aparência das vítimas, especialmente por suas

longas cabeleiras bem tratadas, os habitantes da aldeia deduziram que seriam esposas e filhas de oficiais e de funcionários superiores.

NO DIA 27 de abril, em Mongkol Borei, a Angka Loeu «purificou» ainda mais a população. Chefiados por um oficial de nome Taan, soldados comunistas cercaram dez funcionários públicos, assim como suas famílias, ao todo umas 60 pessoas. Ataram-lhes as mãos atrás das costas, obrigaram-nos a subir para um caminhão e levaram-nos a uns três quilômetros da cidade, para uma plantação de bananas perto de Banteay Neang.

Chorando, soluçando e suplicando que não lhes tirassem a vida, os prisioneiros foram postos em fila, com as mulheres e os filhos, cheios de terror, em torno de cada chefe de família. Um de cada vez, os funcionários foram forçados a ajoelhar entre dois soldados armados de fuzis AK-47 com baioneta calada. Os soldados cravavam-lhes então as baionetas, simultaneamente, no peito e nas costas. Família após família, os comunistas prosseguiram, avançando metodicamente ao longo da fila. À medida que cada homem caía, na agonia da morte, sua mulher e filhos eram arrastados para junto de seu corpo. A mulher, forçada a ajoelhar-se, recebia também golpes simultâneos de baioneta, finalmente as crianças e os bebês. Uma testemunha, Ith Thaim, de 35 anos, que os khmers vermelhos

tinham destacado para guiar o caminhão, lembra-se de que um terrível silêncio desceu sobre o bananal, com os khmers vermelhos calados e «o sangue correndo como água sobre o capim».

Êxodo

NAS CINCO estradas nacionais que saíam de Phnom Penh, a temperatura ao meio-dia naquele fim de abril passava dos 40 graus centígrados. A estação seca, que estava terminando, havia ressequido as planícies e evaporado a água dos arrozais, deixando charcos estagnados, fétidos, e lagoas cada vez mais imundas, com excrementos e corpos.

Nenhuma reserva de água potável ou de alimentos, nem nenhum abrigo tinha sido preparado para os milhões de desalojados. Estes dormiam onde podiam, com frequência pelos campos, ao ar livre e nas valetas. Ao longo de certos trechos das estradas nacionais, alguns caminhões tinham, vez por outra, distribuído escassas porções de arroz norte-americano trazido de Phnom Penh, mas a maioria das famílias não recebia nada.

Os muito novos e os muito velhos foram os primeiros a morrer. Adultos e crianças saciavam a sede nas valetas à beira da estrada. Como resultado disto, a disenteria aguda arrebatou logo a vida de alguns já enfraquecidos pela fome e pelo cansaço.

O Dr. Vann Hay, expulso de sua clínica em Phnom Penh, a 17 de abril, tinha-se encaminhado para norte pela estrada nacional 5, gastando um mês em várias estradas e atalhos. De todas as torturas que viu, a mais amarga de suportar foi a dura sorte das crianças.

«Devemos ter passado por corpos de crianças a cada 200 metros. Muitas morreram de doenças gastrointestinais, que causam completa desidratação. Eu tinha comigo alguns medicamentos, mas a maioria das crianças que me traziam para tratar necessitaria de doses maciças de medicamentos, seguidas de longo repouso. Nada disso era possível.»

Em geral, nas estradas principais, a marcha era policiada por tropas estacionadas em pontos de controle de poucos em poucos quilômetros e por soldados postados ao longo da estrada. Esses soldados exigiam, geralmente, que as pessoas andassem de dia a passo tão rápido quanto o engarrafamento o permitisse.

A disciplina imposta pela Angka Loeu era draconiana. O Dr. Vann Hay, durante os primeiros dias, viu soldados abaterem cinco ou seis pessoas que não conseguiam agüentar o ritmo da caminhada. «Eles faziam a primeira advertência; depois, a segunda. A seguir, atiravam. Muitos daqueles que vi matar eram já idosos.» Um ex-funcionário do serviço de informações. Thiounn Kamel, foi atirado para a vaga humana impelida

para fora de Phnom Penh pela estrada nacional 1. «Uma vez, não podendo andar por causa da multidão, parei à beira da estrada. Havia um caminhão cheio de khmers vermelhos. Quando o caminhão também não pôde avançar, os khmers fizeram fogo sobre aquela gente simplesmente para abrirem caminho. Foi selvagem.»

Entre dezenas de milhares de famílias que marchavam para sul pela auto-estrada 2, havia uma bela e esbelta aeromoça da Khmer Airlines, chamada Lon, que, juntamente com seu marido, se revezavam carregando a filhinha Vathana, de quatro meses. A criança estava acostumada a leite enlatado porque Lon, tendo tido necessidade de retornar ao trabalho logo depois do parto, não tinha leite materno para dar à filha. O leite enlatado que vinha de Phnom Penh havia-se esgotado, e o organismo da mãe não estava em condições de produzir leite. Embora a própria Lon estivesse sofrendo os efeitos da subnutrição e da desidratação, esforçava-se por manter o ritmo exigido pelos soldados, esperando que, em algum lugar, haveria de encontrar alimento para a filhinha.

Apesar disso, finalmente, acabou por compreender que iria cair e, em lágrimas, pediu ao marido que a abandonasse, para ver se, assim, se salvaria a ele e à filha. O marido hesitou, mas depois pegou na criança. Enquanto a embalava nos braços, a menina começou a

sorrir para ele. Então, o homem se voltou e, chorando, disse para a mulher: «Ficaremos juntos.»

Amigos que observaram a cena, mas que tinham de continuar a caminhar rapidamente, compreenderam que o que o marido realmente queria dizer era: «Morremos juntos.»

O caos aumentou quando os comunistas começaram também a despovoar as aldeias, arrancando os camponeses das casas onde haviam passado toda a existência e lançando-os no formigueiro humano dos refugiados das cidades. A incerteza e o receio aumentavam os tormentos da marcha. As pessoas não estavam seguras do lugar para onde iam ou o que as esperava. Milhares de residentes de Pailin foram enviados para o Norte, por uma estrada de terra, cheia de buracos. Depois de andarem meio dia, os soldados fizeram-nos parar e regressar ao ponto de partida. No dia seguinte, mandaram-nos de novo para o Norte.

Contudo, mais cedo ou mais tarde, em alguma barreira ou aldeia, os exilados encontravam um comandante da Angka Loeu que, como se lançasse ao mar uma rede de pescar, arbitrariamente tirava gente da estrada e a mandava construir um novo povoado.

Em princípios de junho, tinha acabado o primeiro grande êxodo. Uns três milhões e meio de pessoas das cidades e, provavelmente, mais de 500 mil das aldeias tinham

sido desenraizadas e dispersas pelo país. As estradas nacionais que saíam de Phnom Penh estavam desertas e silenciosas. Os cadáveres iam-se transformando em esqueletos, as camas dos hospitais e os carros enferrujavam.

O Dr. Vann Hay tinha fugido para o Vietnam, mas nunca esquecerá o trajeto de Phnom Penh para o Noroeste, em direção a Oudong, depois de novo para o Sul, seguindo o curso do Mekong, e para Sueste pela estrada nacional 1, em direção à fronteira do Vietnam do Sul. «Pensando em todos os corpos que vi, mais os doentes que vieram procurar-me (20 a 30 por dia), metade dos quais eu sabia que não iriam sobreviver, avalio em 20 a 30 mil as pessoas que morreram no primeiro mês, nessa área.»

Em todo o Camboja, perderam a vida durante o êxodo, pelo menos, 300 mil seres humanos. Quanto aos sobreviventes, o pior ainda estava para vir.

As Novas Aldeias

NGY DUCH era um jovem de 22 anos, alto, esguio, musculoso. Tinha rosto magro, olhos pretos e cabelo escuro e liso. O budismo havia-lhe ensinado a nunca fazer mal a qualquer ser humano e a detestar a guerra. Quando chegaram notícias da paz à cidade de Pailin, ele tinha festejado o acontecimento, tocando sua flauta de bambu pela noite adentro. Não

tardou que o pusessem fora de casa, com sua mãe doente, e o mesmo aconteceu a outros parentes.

Durante 23 dias, Ngy levou seus parentes para nordeste, através das florestas, chegando por fim à aldeia de Ampil Pram Daum. Então, um dirigente da Angka Loeu, o Camarada Mon, preveniu-os de que a família ficaria ali.

Ampil Pram Daum, situada a cerca de 70 quilômetros a nordeste de Battambang, fora outrora uma grande aldeia, no meio de férteis arrozais. Seus habitantes haviam desaparecido e dois mil refugiados tinham sido mandados para o local. No entanto, em sua determinação de se desfazer totalmente do passado, a Angka Loeu proibira que se vivesse nas casas vazias. Cada um tinha de construir sua própria cabana à beira da floresta e erigir uma «Nova Aldeia».

Mais cedo ou mais tarde, a Angka Loeu desenraizou praticamente toda a gente das cidades e lançou-a em uma dos milhares de Novas Aldeias. Embora as condições variassem consoante a facilidade de obter água e a fertilidade da terra, o regime de trabalho, vida e morte imposto pela Angka era bastante uniforme.

Cada família que chegava recebia um pequeno terreno, com cerca de cinco metros de lado, para aí construir uma cabana. Como norma, não forneciam materiais nem ferramentas. A famí-

lia tinha, portanto, de procurar bambu, ramos, folhas de palmeira, palha, capim ou qualquer coisa que pudesse encontrar na terra.

Terminada a cabana, todos iam juntar-se aos outros trabalhadores, para abater árvores e arbustos, lavar a terra para o arroz e construir diques de irrigação. Eles trabalhavam desde cerca das 6 até as 11 da manhã e da 1 às 5 da tarde, sete dias por semana. Em alguns povoados, trabalhava-se mais três horas à noite, se houvesse luar. Homens, mulheres e crianças eram divididos em diferentes grupos de trabalho, separados entre si no campo. Salvo durante a pausa do meio-dia, os guardas não permitiam repouso nem conversa.

Ngy Duch convenceu o Camarada Mon de que sua mãe estava demasiado doente para trabalhar, mas ele próprio foi mandado juntar-se a um grupo de 215 pessoas e, durante um mês, puxou arado como se fosse um boi.

À noite, todos os habitantes da Nova Aldeia eram obrigados a ouvir prédicas doutrinárias e, frequentemente, a assistir a um *ko-sang*, palavra khmer que significa «construção». Um *kosang* era uma advertência ritual a quem houvesse incorrido no desagrado da Angka Loeu. O transgressor devia confessar sua culpa e arrepender-se e depois «construir-se», para se tornar numa pessoa boa e pura. A estranha cerimônia impunha sempre silêncio e medo, pois todos perceberam rapida-

mente que nunca ninguém era submetido a mais de dois kosangs.

Em meados de junho, quando estava trabalhando no campo, Ngy pisou um bambu afiado, que lhe entrou quase todo pelo pé. A perna inchou, veio febre alta e as dores espalharam-se até a cintura. Assim, foi coxeando até o Camarada Mon e pediu-lhe uns dias de dispensa do trabalho. «Ferimento tão leve não justifica que se fique em casa», respondeu Mon.

Nessa noite, Ngy foi objeto de seu primeiro kosang, durante o qual os membros do comitê de aldeia o censuraram, cada qual por sua vez: «Você tem de aprender a suportar a dor. Não pode ser fraco, não pode ser preguiçoso, fugindo à sua quota de trabalho.» Seguiu-se uma ladainha de que Ngy era livre. Ngy era igual aos outros. Ngy era feliz. Humilmente, Ngy reconheceu que tinha sido um fingido, um preguiçoso, e prometeu trabalhar honestamente para a Angka Loeu.

Regime de fome

A RODA da História, segundo os agentes da Angka Loeu habitualmente preveniam, esmagaria quem quer que desobedecesse ou vacilasse. Referências à mística Roda da História eram repetidas vezes sem conta. Um estudante lembra: «As palavras levavam-nos a imaginar um rolo compressor de peso descomunal, atrás de nós, sempre a perseguir-nos, pronto a

reduzir qualquer um a pó, se abrandássemos nossos esforços.»

Havia diretrizes contra tudo quanto fosse estrangeiro, contra a música e a dança, contra o sexo, contra as relações tradicionais de família. Os pais podiam «solicitar» certa forma de comportamento, mas os filhos eram livres para ignorarem a «solicitação». Por outro lado, os filhos eram arrancados à família para a mais intensa lavagem de cérebro. Na aldeia de Khna Sar, observou o estudante universitário Ung Sok Choeu: «O que se ensinava eram só pensamentos revolucionários e os objetivos da luta dos khmers vermelhos, e como descobrir os inimigos de ambos. Como consequência disso, todas as crianças se tornavam pequenos espiões, contando tudo quanto se dizia em casa.»

Em Ampil Pram Daum, as delações das crianças levaram a numerosos kosangs, e algumas crianças adquiriram um precipitado sentimento de força, pelo fato de saberem que podiam pôr em perigo a vida de qualquer adulto. Com o tempo, bastava ver crianças para Ngy se encher de medo.

Durante as primeiras seis a oito semanas após a evacuação das cidades, a Angka Loeu conseguiu, em geral, distribuir uma ração de cerca de 250 gramas de arroz por dia a cada pessoa. Em meados do verão, porém, muitos camponeses recebiam apenas metade de uma lata de leite com arroz, insuficiente

fonte de calorias para manter a vida. Epidemias de malária, cólera e febre tifóide se espalharam. De aproximadamente mil habitantes da Nova Aldeia de Ta Orng, cerca de 200 morreram em junho. Sambok Ork abrigava 540 pessoas, quando foi organizada em fins de abril; entre julho e agosto morreram todos os dias duas a cinco pessoas, segundo o professor de filosofia Phal Oudam, que foi incumbido de preparar relatórios quinzenais de óbitos destinados à Angka Loeu. De cerca de 800 habitantes, em Phum Svay Sar, cerca de 150 morreram durante aquele verão.

Em setembro, Ngy e a população de Ampil Pram Daum tinham arrancado às selvas caranguejos, caracóis, rebentos de bambu, convólulos e tudo quanto fosse comestível. As pessoas pareciam esqueletos cobertos de uma fina e doentia camada de pele. Das 215 pessoas iniciais do grupo de Ngy, apenas dez tinham agora robustez suficiente para fazerem seu trabalho e 15% haviam morrido. Dez homens foram executados: três deles eram ex-soldados que, à chegada, tiveram a ingenuidade de contar ao Camarada Mon a verdade sobre seu passado. Certa manhã apareceu no campo um pelotão de comunistas e levou-os para a floresta, onde mais tarde Ngy viu seus corpos crivados de balas. Crianças espíãs denunciaram dois inspetores da polícia a quem por acaso tinham ouvido falar de

seu antigo trabalho. Foram ambos abatidos a enxadadas.

A 14 de setembro, o comitê da aldeia ordenou a Ngy que patrulhasse a área de noite, uma vez terminado seu dia de trabalho. Ele explicou que estava tão fraco que mal podia trabalhar durante o dia. Poucas horas depois, a Angka Loeu chamou-o para seu segundo kosang. O Camarada Mon gritou: «Pare de opor-se à Roda da História. Pare de recusar ordens dadas pela Angka Loeu. Não há qualquer motivo para que você não possa fazer seu trabalho de noite.»

Na manhã seguinte, antes de sair para o campo o grupo de trabalho de Ngy, um membro do comitê disse com naturalidade que iriam também soldados. Ngy viu logo o que essa presença significava. Deslizou furtivamente até sua cabana, pôs alguns valores no cinto de guardar dinheiro e apanhou sua flauta. Em seguida, ajoelhou-se diante de sua mãe e, colocando-lhe os pés sobre sua cabeça, para receber a tradicional bênção khmer, fugiu para a floresta.

Ao longo do trágico verão de 1975, os camponeses das Novas Aldeias ansiaram pela colheita de outono como uma esperança de aliviar sua miséria, mas, no outono, a Angka Loeu mais uma vez perturbou a tranquilidade da população decretando outra migração em massa. Subitamente, mais de 500 mil pessoas foram desalojadas dos acampamentos que tinham construído no Sul e empur-

radas para uma nova marcha em direção ao Norte e ao Noroeste.

Entre esses retirantes, encontravam-se Ang, o jovial estudante de Farmácia de Phnom Penh, sua irmã Anna e seus dois irmãos, Kim e Tam. Depois de terem viajado encurralados durante 30 horas infernais, primeiro em caminhões chineses, depois em sufocantes veículos de carga, saíram cambaleando de um trem em Sisophon. Vendo que os dois irmãos se achavam tão doentes que mal se agüentavam em pé, um funcionário da Angka, inesperadamente, teve pena deles, e os quatro foram parar num hospital da Zona 5.

Este hospital, instalado num velho edifício escolar feito de tijolo, era imundo. O soro era guardado em garrafas de refrigerantes abertas, e um remédio líquido, dado a todos os pacientes, qualquer que fosse a sua doença, era guardado em vidros de penicilina vazios. Muitos dos «médicos» e dos outros funcionários do hospital eram analfabetos. Não faziam o menor esforço para diagnosticar as doenças de cada um dos pacientes, tratando-os todos com a mesma mistura de comprimidos, ervas medicinais e soro.

Kim sabia que estava morrendo. Já quase no fim, mal podia olhar vagamente suas irmãs e apertar, já sem forças, as mãos delas. Quando morreu, seu corpo foi jogado numa carroça e, enquanto Ang e Anna observavam, levado para uma vala comum.

Três dias depois, as irmãs saíram do hospital, esperando ir apanhar um peixe no rio, para Tam. Ao voltarem, o leito dele estava vazio. «Ah! Morreu», explicou um funcionário, «e já o enterramos.»

Em novembro, as irmãs tentaram fugir para a Tailândia, na companhia de um bandido. Com um pé varado por espinhos e já sem forças, Ang caía repetidas vezes; depois de ter subido uma montanha escarpada, não conseguiu prosseguir. «Se eu ficar com vocês, morreremos todos», disse o bandido.

Obrigando sua chorosa irmã a seguir caminho com o bandido, Ang caiu em sono profundo. Ao acordar, sentiu-se mais forte e começou a perambular em direção oeste. Saciava a sede lambendo o orvalho da folhagem. Na manhã do nono dia, acordou perto de um caminho utilizado pelo gado, perto de uma aldeia, e, quando dois homens passaram, decidiu tentar a sorte.

Saltou do esconderijo, agarrou na mão do homem mais velho e disse: «Acabei de fugir do Camboja!» Ambos ficaram estupefatos com aquela figura enlameada e abatida que tinham diante de si. «Isto é uma pessoa?» indagou o homem mais novo. Ele falou em tailandês. Ele estava livre.

Num campo de refugiados, Ang ouviu dizer que o bandido que acompanhara Anna havia pisado uma mina perto da fronteira. Gravemente ferido, conseguiu rastejar

e entrar na Tailândia. Atrás de si, ficou o corpo de uma jovem desmembrado pela explosão.

Os perseguidos

NADA provocava mais a fúria e a crueldade da Angka Loeu do que uma tentativa de fuga. Os fugitivos raramente eram perdoados.

Uma vez triunfante, a Angka Loeu começou a fechar toda a fronteira com a Tailândia — uns 722 quilômetros, que se estendem em curvas, por montanhas e selvas e através de rios. Foram evacuadas aldeias, para se estabelecer uma terra-de-ninguém, com cerca de cinco quilômetros de largura, ao longo de toda a fronteira. Os cruzamentos, seus acessos e trilhas do mato foram semeados com minas e armadilhas. Na noite de 4 de setembro de 1975, Phal Oudam, o professor de filosofia, saiu furtivamente da aldeia de Sambok Ork, dizimada pela doença. Com mais cinco homens, encaminhou-se para a selva, em direção à Tailândia. Tinham andado por um caminho estreito talvez uma hora, quando uma armadilha lhes explodiu debaixo dos pés, ferindo quatro deles.

Phal subiu a uma árvore. Ao clarear o dia, olhou para baixo e deparou-se-lhe uma cena horrível. «Vi inúmeros grupos de corpos, separados cinco a dez metros uns dos outros. Os cadáveres estavam empilhados uns sobre os outros. À medida que ia avançando ao longo

do caminho, observei mais cadáveres: uns estavam inchados, outros não passavam de esqueletos. Grupos de cinco corpos, vinte, três, dois. Os khmers vermelhos espetavam dois paus no chão. Em seguida, estendiam um fio entre eles e amarravam-nos às espoletas das granadas. Se andássemos com muita precaução, poderíamos ver as armadilhas, mas de noite isso era impossível.»

Por toda a região fronteira, patrulhas da Angka Loeu vigiavam as selvas e as montanhas, à caça de fugitivos. Keo Kim Taun, ex-soldado governamental, era um dos 37 que, saídos da aldeia de Soeur, procuravam fugir. Uma patrulha descobriu-os numa clareira e abriu fogo com armas AK-47, matando 21 pessoas, a mais nova das quais com cinco anos de idade. Keo e os outros 15 sobreviventes chegaram à Tailândia 12 dias depois. No trajeto, viram inúmeros cadáveres.

Ouk Phon, que fugiu de Phum To Tea, no distrito de Samrong, conta: «Num lugar, vi cerca de 50 cadáveres amarrados uns aos outros com cordas, e noutro, debaixo de uma árvore, o esqueleto de uma criança, com as mãos ainda amarradas. A caminho da fronteira, calculo que tenha passado por cinco mil corpos. Havia tantos esqueletos que os ossos me dilaceravam os pés.»

No entanto, apesar de todos os perigos, era tão forte a vontade de se libertarem da Angka Loeu que todos os meses milhares e milha-

res de pessoas tentavam a fuga. Embora as primeiras leves contassem com um número desproporcionado de estudantes, intelectuais, comerciantes outrora prósperos, funcionários públicos e militares, no outono de 1975, como explicou o jornalista britânico Jon Swain, a percentagem esmagadora era de «humildes camponeses, reconhecíveis pela densa tatuagem dos corpos, tez escura e mãos e pés grosseiros – a gente que poderíamos imaginar a mais bem preparada para os rigores da revolução camponesa».

NGY DUCH, que, de regresso a Pailin (há muito tempo, lhe parecia agora), tinha recebido os comunistas com melodias de sua flauta, também fugiu e foi levado para um campo de refugiados na Tailândia. «A única coisa que me deixaram foi a flauta», conta ele. «Eu tocava todos os dias, e os infelizes khmers a ouviam e sonhavam com o país que tinham perdido.»

Uma nova idade das trevas

Em 1976, era total o domínio da Angka Loeu sobre o Camboja. A população, socialmente fragmentada e fisicamente debilitada, estava inteiramente à mercê de seus novos senhores. As Novas Aldeias arrancadas à selva já estavam funcionando à sua maneira. Fizera-se a colheita de arroz de dezembro, classificada pelos comunistas não como «um completo sucesso, mas

suficiente». A Angka Loeu podia agora, ao que parecia, permitir-se estabilizar o país e atenuar os rigores mortais; mas isso não iria acontecer.

Em outubro de 1975, os radioescutas no estrangeiro ouviram o comandante comunista de Siso-phon receber instruções pelo rádio para preparar o extermínio, depois das colheitas, de *todos* os ex-soldados do governo e funcionários públicos, de qualquer categoria, assim como de *suas famílias*. Espalharam-se rumores entre os soldados comunistas de que professores, chefes de aldeia e estudantes iam ser incluídos na lista.

O morticínio começou em princípios de 1976. Antes disso, a manutenção organizada se havia restringido, em especial, a oficiais e funcionários superiores. Agora, o mais simples soldado raso, o mais humilde funcionário público, o mais inocente professor, mesmo o pessoal dos serviços de saúde, os guardas-florestais, todos se tornaram vítimas.

O padre francês François Ponchaud, perito em assuntos do Camboja, conta que a 26 de janeiro um funcionário comunista no distrito de Mongkol Borei declarou: «Os prisioneiros de guerra (gente expulsa das cidades e aldeias controladas pelo Governo de Lon Nol em 17 de abril) já não são necessários, e os chefes locais ficam autorizados a dispor deles como melhor lhes parecer.» Depois disso, cresceu sem parar a

onda de matanças, à medida que a Angka Loeu se esforçava por apagar todos os traços humanos do antigo governo, até o primeiro aniversário da vitória.

Ponchaud viveu no Camboja de 1965 a 1975, estudando o budismo e o Camboja e tornando-se um dos mais notáveis escritores religiosos em língua khmer. É improvável que seus cálculos hajam sido influenciados por razões políticas. Depois de falar com refugiados cambojanos a quem foi concedido asilo na França, e de estudar as emissões diárias da Rádio Phnom Penh, Ponchaud concluiu que, entre abril de 1975 e fevereiro de 1976, morreram pelo menos 800 mil cambojanos em consequência de fome, doenças e execuções. No último verão, após um mês na Tailândia colhendo informações dos refugiados, concluiu que sua primeira avaliação estava «muito abaixo da realidade».

Os autores, baseados nas entrevistas que fizeram, calculam que, no mínimo, morreram no Camboja, entre 17 de abril de 1975 e dezembro de 1976, um milhão e 200 mil pessoas, como resultado das atividades da Angka Loeu.

Se restar alguma dúvida, vejam as declarações de Khieu Sampham, o líder da Angka Loeu. Como chefe de Estado do Camboja, Khieu tomou parte na conferência das nações não alinhadas, em Colombo, em agosto passado, e aí foi entrevistado pelo semanário italiano *Famiglia Cristiana*:

«Em cinco anos de guerra, morreu mais de um milhão de cambojanos. A população atual do Camboja é de cinco milhões. Antes da guerra era de sete milhões.»

O jornalista perguntou: «Que aconteceu ao outro milhão?»

«É incrível», respondeu Khieu, «como vocês, ocidentais, se preocupam tanto com criminosos de guerra.»

Depois da devastação das cidades, dos primeiros massacres e a meio da primeira fome, um dos chefes da Angka Loeu, Ieng Sary, foi a uma sessão especial na Assembleia Geral das Nações Unidas. Deixava atrás de si um país sem universidades, comércio, arte, música, literatura, ciência ou esperança. Como disse um jovem refugiado: «Não há amor em lugar nenhum.»

Quando desembarcou em Nova York, Ieng Sary gabou-se: «As cidades foram limpas.» E quando apareceu nas Nações Unidas, os delegados do mundo inteiro o aplaudiram com entusiasmo.

Quanto à comunidade internacional, esta, em grande parte, guardou silêncio. Nos *campus* das universidades, não surgem estudantes indignados a protestar sobre o que a «paz» fez ao Camboja. Mas nos milhares de Novas Aldeias, sob as armas da Angka Loeu, todas as noites os cambojanos tentam dormir, sabendo que o dia seguinte será tão negro como tenebrosa é a noite que desceu sobre eles. ▲

Dual

Som
ideal
só com
Dual



O novo Dual CS 721 Representa tudo que a Dual já aprendeu a respeito de toca-discos.

O Dual CS 721 é a mais recente expressão de «design» e engenharia que resultaram na mais alta qualidade de reprodução sonora. O braço tubular retilíneo, totalmente automático é articulado através de um sistema cardã de quatro pontos, que mantém um balanceamento dinâmico em todos os planos. Além disto, o braço possui uma inovação não encontrada em nenhum outro: o controle vertical. Este dispositivo faz com que o braço fique em posição paralela ao disco, sem ser necessário o uso de espaçadores para o fonocaptor. Obtém-se assim uma tração vertical perfeita mantendo-se a massa ao nível mínimo.

O sistema de tração também possui a mesma precisão. O motor controlado eletronicamente, é de tração direta, e portanto, não requer nenhum sistema de redução de veloci-

dade. O desenho exclusivo da bobina, feito pela Dual, produz um campo magnético rotativo sem interrupção, eliminando as pulsações magnéticas sucessivas, típicas de todos os motores convencionais. Resultado: O motor mais suave e silencioso já fabricado. Apesar de ser o CS 721 o modelo mais caro da linha Dual, é apenas um pouco mais dispendioso do que o mais caro dos toca-discos existentes. Quando você fizer as comparações dele com os outros, como acreditamos que deva fazer, verificará que o preço do CS 721 é comparativamente inferior pelas vantagens que este aparelho oferece.

Monymar, Produtos Eletrônicos Ltda.
Av. Chibaras, 446-Moema, Cep. 04076
São Paulo, Brasil

HP-319

SS-310



Festa da Sony

Este é o sistema musical estéreo da Sony, de uso totalmente doméstico.

Nós o chamamos de HP-319

Você pode chamá-lo de festa.

Ele reproduz seus discos favoritos e suas cassetes favoritas.

Sintoniza seus programas prediletos de rádio em FM e AM.

Reproduz inclusive os sons criados por nós. Você só os cria ou os capta de outra fonte, e o Sony HP-319, com microfone opcional, irá gravá-los.)

Sendo melhor em tudo,

Sony faz isso por você, através da mais sofisticada tecnologia de som que pode existir.

Veja o que colocamos dentro do HP-319:

Um amplificador transistorizado

que produz 40 watts de mais pura potência musical.

Um sintonizador frontal FET para recepção clara e estável.

Um controlador automático de nível de gravação (muito útil quando você está gravando seus próprios sons).

Um dispositivo de desligamento automático (que é acionado no final do disco ou da fita).

Dois ótimos alto-falantes Sony (SS-310) para reproduzir toda a nossa tecnologia

sob a forma de sons agradáveis de ouvir.

Tudo isto para assegurar que Sony HP-319 significa prazer – sem trabalho.

E não é que deve ser mesmo uma festa?



SONY